

Eleições: incertezas até a última hora

Sérgio Henrique
Hudson de Abranches *

O fato novíssimo da campanha presidencial é a entrada de Sílvio Santos na disputa. Acabou, mesmo, sufocando "as ondas" sucessivas de mudança nas preferências captadas pelas pesquisas. As intenções semanais de voto indicavam um quadro volátil, em permanente acomodação e reacomodação de um eleitorado ainda indefinido e inquieto, transitando de um candidato a outro, ao sabor dos eventos e incidentes do momento.

Os aspectos éticos e jurídicos dessa entrada súbita de um novo concorrente são, inegavelmente, matéria para contro-
vêrsia e análise. O fato em si tem menos importância pessoal do que parece. É fruto de um padrão social e institucional, amadurecido na longa noite autoritária, que reveste de maior significado ainda a própria eleição e a transição que está por se fazer.

A apreciação precisa e contundente de Ricardo Noblat, no *JORNAL DO BRASIL*, de quinta-feira, condensa em poucas colunas as emaranhadas raízes históricas nas quais ainda se sustenta nossa vida político-institucional. Permite que se passe, de imediato, à análise do possível impacto dessa candidatura na dinâmica social e política da competição eleitoral.

A entrada de Senhor Abravanel na corrida altera todo o quadro anterior, independentemente do resultado das decisões que o Tribunal Superior Eleitoral venha a tomar. A mais simples e direta consequência é a confirmação da previsão segura, já desenhada pelas sondagens de setembro e de outubro, de que a conjuntura pré-eleitoral permanecerá incerta e volátil até a última hora. Nem o mais sensível ouvido poderá auscultar, com precisão, o que dirá a boca da urna, até os dias imediatamente anteriores à própria eleição. Só, então, a voz desses milhões far-se-á ouvir com toda a clareza.

Mesmo um corte imediato nas pretensões do novo candidato, pela Justiça Eleitoral, não apagará da memória do eleitorado, nesses poucos dias que restam para a eleição, os resultados das pesquisas que, a começar pela divulgada pelo Gallup, no dia 2, indicam a base precária das preferências até agora manifestadas pelos consultados. No final da semana, a Data-Folha estará, aparentemente, relatando seu último levantamento, já incluindo o novo nome.

A pesquisa do Gallup mostra que a inclusão de Sílvio Santos na consulta retira dos seis principais candidatos quase 23 pontos percentuais. Sem o nome do apresentador, Collor, Brizola, Lula, Covas, Afif e Maluf concentram praticamente 79% das menções estimuladas, percentual que cai para 57%, quando ele aparece como opção.

As perdas não são igualmente distribuídas: Collor perde mais, 9 pontos. Lula (3,2), Brizola (2,8), Maluf (2,7) e Covas (2,6) caem perto de 3 pontos e Afif (2,4) um pouco mais de 2 pontos. Os demais candidatos perdem 4 pontos no total.

Os números, vistos assim, não esclarecem muito. Apenas mostram que o novo personagem retira preferências, em proporções diferentes, de todos os candidatos já estabelecidos. O mais importante é a indicação de que esse fato, com toda a sua novidade, altera não apenas a cena eleitoral que se mostrava tão mutável. Modifica, também, as posições relativas e as trajetórias atuais dos principais concorrentes. Esse é o seu efeito principal no processo político: aumenta a volatilidade

do eleitorado e as incertezas quanto a seu resultado final.

Na primeira quinzena de setembro, os números do Gallup sugeriam um índice de competitividade da ordem de 3,5. Isto significa, em palavras simples, que a distribuição das intenções de voto mostravam a possibilidade de três candidatos realmente competitivos e a probabilidade de que um quarto entrasse no páreo, na medida em que crescesse nas preferências do eleitorado. No final de setembro, esta indicação se confirmava: o índice de competitividade, retirado dos números do Gallup para 19 a 25 setembro, era de 4,3, portanto já mostrando quatro candidatos competitivos.

Entre o final de setembro e o início de outubro, como a grande volatilidade das menções fazia prever, a competitividade aumentou para 5,1. Assim, as idas e vindas das preferências estimuladas indicavam a possibilidade de cinco candidatos competitivos no primeiro turno. No final de outubro, o Gallup captava um índice de competitividade de 5,4, apontando a emergência provável de um sexto candidato com chances de disputar. O "mercado político" vinha desconcentrando-se nitidamente.

Na pesquisa mais recente daquele instituto, o índice de competitividade aumenta para 5,9, confirmando o que já era previsível: seis candidatos competitivos até o fim. Nas menções que incluem o nome de Sílvio Santos, esse índice cai um pouco, para 5,5, apresentando um efeito de ligeira reconcentração. Mas não chega a alterar o fato de que o "espaço eleitoral" se está ampliando e a disputa não se resumirá apenas a aqueles dois ou três hoje mais bem colocados nos levantamentos.

O outro fator político significativo da entrada do *showman* está no plano regional, um eixo fundamental da política brasileira. Como nova opção, aparentemente competitiva, essa candidatura cria mais condições para abrigar as divergências familísticas e regionais. Quem não tem lugar nos outros palanques, já ocupados, com mais presteza, pelos adversários, encontrou um novo para frequentar. Esse é o lado velho de nossa vida política, filho do federalismo heterogêneo e das disparidades regionais, que cristalizam o mandonismo polarizado entre elites muito pouco diferenciadas entre si, no seu comportamento público ou em seus interesses. Prevalece, sobretudo, nos colégios eleitorais, que essas próprias elites mantêm no atraso.

A dispersão do voto na base da pirâmide social do eleitorado será, provavelmente, o principal resultado dessa entrada no palco eleitoral do empresário Abravanel. Dividindo essa parcela majoritária do eleitorado, muda o eixo da decisão, pois diminui seu peso relativo para todas as candidaturas. Não será surpreendente se as eleições forem decididas pelas classes médias urbanas, incluída nessa categoria boa parcela do operariado qualificado, mantidas essas condições da disputa até 15 de novembro. Ganham, com isto, os candidatos de centro, à direita e à esquerda, com perfil mais moderno. Pois, em matéria de modernidade, esse segmento da população brasileira é o decisivo.

A reviravolta zera muitas contas, mas, apesar dela, começam a ficar mais claras as tendências possíveis, por trás da fumaça dos números. Vai ser uma eleição muito disputada e decidida em cima da hora. No momento de maior solidão e poder do cidadão comum, nas democracias, fechado na cabine indecifrável, sob a influência apenas de sua consciência e da força inarredável da regra "uma pessoa, um voto".